

Metodologia de Transição para uma Agricultura de Base Ecológica o Caso do Café Orgânico

*Methodology for the Transition to an Environmentally-based Agriculture
the Case of Organic Coffee*

PACÍFICO, Daniela. UFRGS/PGDR, danisociais@yahoo.com.br
DAL SOGLIO, Fábio. UFRGS/PGDR, fabiods@ufrgs.br

Resumo

Este trabalho busca discutir como as metodologias de transições para uma agricultura de base ecológica influenciam os processos de transições quando negligenciam a participação dos atores sociais envolvidos e suprimem a dinâmica de reordenação dos métodos existentes. O objetivo é exemplificar a discussão com a apresentação do estudo de caso sobre o Projeto Café de Lerroville, e trazer para a pauta o elemento comunicação como um dos proponentes de metodologias inclusivas e de processos de transições ecológicas. Os métodos enrijecedores de processos de transições existentes, que não incluem a participação dos atores sociais, estão sujeitos a não contemplação da dinâmica sociocultural e da lógica interna dos estilos de agriculturas. Assim, dificultam, e até impossibilitam, as possíveis mudanças tecnológicas e de modelo de agricultura.

Palavras-chave: Metodologias participativas, Atores sociais, Desenvolvimento rural, Transição orgânica, Sociologia rural.

Abstract

This project sought to discuss how the methodologies for the transitions to an environmentally-based agriculture influence the transition processes when they neglect the participation of social actors involved and do away with the dynamics to reorganize the existing methods. The goal was to exemplify the discussion by presenting a case study on Projeto Café de Lerroville (Lerroville Coffee Project) and call attention to the communication element as one of the proponents of both inclusive methodologies and ecologic transition processes. The methods which hinder existing transition processes that do not include the participation of social actors are likely not to fully contemplate the socio-cultural dynamics and internal logic of the different agriculture styles. Therefore, they make it hard and even impossible to enforce the otherwise possible changes in technology and agriculture model.

Key-words: Participative methodologies, Social actors, Rural development, Organic transition, Rural sociology.

Introdução

As metodologias de transição para uma agricultura de base ecológica têm denunciado o fator comunicação como fundamental para a realização de trocas de saberes e organização dos processos segundo os interesses dos atores envolvidos. A dinâmica da transição para uma agricultura de base ecológica é estabelecida quando os atores sociais apropriam-se dos instrumentos de sua realização. Verbalizar as dúvidas, para que sejam discutidas em grupo, mencionar dificuldades, discordar, opinar e estar ciente das metas a serem atingidas são ferramentas que todos os envolvidos no processo de transição têm o direito de possuir e acionar. Embora metodologias de transição tragam em geral a noção de participação dos envolvidos, sejam eles comunidades, mediadores, atores etc., a participação efetiva, através da comunicação e ação, pode ser comprometida se o conjunto de métodos estiver previamente estabelecido, ou se ele impossibilitar o trânsito de novas variáveis (CANUTO, 2005).

Resumos do VI CBA e II CLAA

O Projeto Café de Lerroville (PCL) foi desenvolvido por mediadores do município de Londrina/PR e da região Norte do Paraná, e teve como objetivo a inserção de produtores de café na rede de comércio justo e/ou mercado solidário (ALMEIDA, 2005). As redes de comércio justo solidário são partes de um movimento de consumidores e produtores de diversas partes do mundo que buscam tornar as relações com as mercadorias mais humanizadas, de forma que o consumidor saiba a procedência do produto que está consumindo, valorizando também produtos provenientes de comunidades, cooperativas, associações e grupos organizados. Os agricultores, orientados pelos mediadores do PCL, para inserir o café produzido em suas associações Associação de Cafeicultores da Água da Limeira (ACAL) e Associação de Produtores da Água da Laranja Azeda (APRALA) na rede de comércio justo, envolveram-se com a transição para uma cafeicultura orgânica, pois produtos certificados como orgânicos possuíam valorização superior nesse mercado. O processo de transição, no entanto, sofreu uma descontinuidade pela maioria dos agricultores antes de sua conclusão. O presente trabalho busca discutir aspectos da metodologia utilizada no Projeto Café de Lerroville (PCL) que podem ter contribuído para o insucesso desse processo de transição para a cafeicultura orgânica.

Metodologia

Para a análise do caso utilizou-se um conjunto de procedimentos, como pesquisa etnográfica, vivência no campo, caderno de campo, elaboração de mapas genealógicos, observação, fotografias e entrevistas estruturadas e semi-estruturadas que foram gravadas. A pesquisa teve duração de cinco meses e contou com a contribuição dos agricultores, agricultoras e mediadores que estiveram envolvidos no processo de transição das duas comunidades. A tabulação dos dados primários se deu com a transcrição das entrevistas e com a digitação do caderno de campo. Em seguida, organizou-se as entrevistas por comunidades rurais, e selecionou-se as partes das falas por eixos temáticos. Somente então cruzou-se as informações que permitiu examinar a relação entre os atores sociais, as etapas e as incoerências da trajetória de transição dos cafezais. As análises se deram sob a abordagem teórica da perspectiva orientada ao ator e da análise do discurso.

Resultados e Discussões

A inserção na rede de comércio justo solidário foi estimulada através de relações de um dos mediadores com o grupo consumidor organizado, residente em Sant Etienne, França. O grupo de consumidores solicitou a compra de um container de café orgânico, proveniente dos agricultores de Lerroville, referente a seiscentas sacas de sessenta quilos, de café beneficiado, sem cascas. Para atingir essa meta, os procedimentos adotados pelos agricultores e mediadores necessitaram de dedicação e empenho de ambas as partes. Neste contexto, o objetivo inicial do projeto passou a ser secundário. Produzir café orgânico tornou-se o objetivo principal dos agricultores e mediadores, já que comercializar com a rede de comércio justo solidário francesa se apresentou como oportunidade de ascensão social para os agricultores. A opção de tornar a produção de café orgânica foi dos agricultores e dos mediadores, uma vez que o grupo consumidor não estabeleceu como exigência que o produto fosse de base ecológica. Introduziu-se, no entanto, o problema de como combinar a necessidade de compra do grupo consumidor francês e o tempo do processo de transição para uma agricultura de base ecológica.

Processos de transições costumam ser lentos e exigem uma série de adequações, adaptações e diálogos. Muito embora possa se mudar de modelo de produção agrícola e manter a lógica exógena de dependência de insumos da agricultura convencional na agricultura orgânica, a comunicação entra como instrumento primordial de tomadas de decisão referente aos processos de transição. Ao mesmo tempo, esta comunicação potencializa as metodologias participativas de ordenação das atividades. No PCL, agricultores e mediadores utilizaram procedimentos da tipologia de transição dispostos por atividades a serem realizadas em forma de mandala. Iniciou-

Resumos do VI CBA e II CLAA

se o círculo com palestras técnicas que buscavam sensibilizar os agricultores e discutir sobre como iniciar a transição para uma agricultura de base ecológica. Seguiu-se com visitas dos agricultores aos locais onde o processo de transição já havia sido concluído. Em seguida, houve discussões sobre como os agricultores tornariam seus cafezais orgânicos. A participação dos mediadores foi determinante, pois possuíam a experiência de outros processos de transição. Outras etapas delineadas pela mandala foram: diagnóstico das propriedades, planejamento participativo do método de transição, avaliação, monitoramento e pesquisa. Contudo, estas atividades ocorreram em um tempo muito rápido, insuficiente para tornar a construção dos procedimentos de transição participativo, dos agricultores e para os agricultores.

Na comunidade, os agricultores reuniram-se várias vezes para compreender a transição dos cafezais. A orientação inicial indicou a suspensão do uso de fertilizantes e agrotóxicos, sendo estes insumos substituídos por compostos, pó de rocha, esterco, cama de frango, adubação verde, calda bordalesa, armadilha de monitoramento e outros. Por se tratar de um cultivo permanente, havia a necessidade de manejo das entrelinhas para que no momento da colheita funcionasse como corredor de escoamento. Existem duas maneiras de realizar a colheita: com a eliminação das plantas espontâneas dos corredores, pois, na colheita, usa-se derrubar os grãos no chão para posterior recolhimento; e a outra pela colocação de sacos ou tecidos para que os grãos caiam sobre eles facilitando, assim, o recolhimento. Nas duas situações os corredores são importantes e as plantas espontâneas devem estar manejadas. Nas comunidades rurais de Lerroville, entretanto, os corredores servem de espaço importante nos períodos de entre safras. Ali as famílias plantam feijão, mandioca e milho, produtos que as alimentam, assim como alimentam os animais do quintal. Com o manejo ecológico recomendado pelos técnicos, nesses espaços foi plantada adubação verde (leguminosas), e os agricultores se viram impossibilitados de manter a lógica produtiva das entrelinhas. A roçada das leguminosas, como forma de incorporação de matéria orgânica no solo, inviabilizou a produção de alimentos para a subsistência. Esse aspecto não foi levado em conta quando a proposta de manejo ecológico foi elaborada pelos técnicos. Diagnósticos precisam também identificar os estilos de agriculturas e as diversas lógicas das propriedades rurais, possibilitando a compreensão social e cultural do espaço agrícola (LONG ; PLOEG, 1989).

Também o comércio com a França era uma possibilidade diferenciada, que fugia a lógica local de comercialização de café. Assim, os agricultores viram-se forçados a se organizarem em uma cooperativa. A organização do grupo, em instância regimentada, institucionalizou os procedimentos, passando a dialogar pelos agricultores no âmbito do projeto. Por questões burocráticas, não era suficiente estarem organizados em associações para poderem exportar o café orgânico, sendo preciso reunir as duas associações das comunidades Laranja Azeda e Limeira, representando lógicas produtivas diferenciadas em uma única cooperativa. Contudo, unir associações que por escolha se fizeram diferentes, acarretou ônus para o órgão nascente, de forma que a possibilidade de desentendimentos de interesses esteve presente de forma sistemática.

Os agricultores comportaram-se como se a cooperativa fosse algo distante deles, e cada um passou a organizar-se de maneira voltada ao seu processo de transição, alguns com facilidades, mas muitos com estranhamentos generalizados sobre o manejo ecológico estabelecido pelos mediadores. A junção das associações em cooperativa teve como objetivo também promover a construção de uma minitorrefadora de café, onde os agricultores poderiam processar o café orgânico e oferecer para o mercado internacional um produto de qualidade, processado, e com maior valor agregado. Os agricultores, entretanto, passaram a perceber a cooperativa vinculada a construção do barracão da minitorrefadora, ou seja, a cooperativa só existiria quando a minitorrefadora cumprisse seu papel de articular as duas associações para o comércio com a França. À fundo perdido, agricultores e mediadores receberam, do Banco Mundial e de

Resumos do VI CBA e II CLAA

organizações nacionais, máquinas para o beneficiamento dos grãos, assim como recursos federais para a construção do barracão da minitorrefadora. Como o barracão da minitorrefadora não foram terminados pela construtora contratada, foi gerada uma indisposição dos agricultores que mantinham, na construção do barracão, a expectativa da realização da cooperativa. Neste caso, a construção simbólica em torno da minitorrefadora fomentou a representação social de que as institucionalizações garantem o sucesso dos empreendimentos (BOURDIEU, 2001).

No primeiro ano da transição, metade dos agricultores haviam desistido da atividade e retornado as práticas convencionais anteriores. Quarenta e sete agricultores estiveram cooperados até o início da primeira safra de café, quando a queda da produtividade em mais de 50%, levou-os à repensarem a proposta de transição, e atualmente, um agricultor apenas se mantém na atividade produtiva de café orgânico. As críticas, reclamações e a verbalização das insatisfações tomaram formato, e o posicionamento dos agricultores, negando o método de transição ficou bastante evidente. Houveram reclamações acerca da organização das atividades de transição, da cooperativa e da minitorrefadora, das reuniões, viagens, cursos e palestras, pois demandavam muito tempo e dedicação dos agricultores, ocorrendo em muitos casos em feriados e finais de semanas, contrariando a ordem social e organizacional das comunidades, prejudicando as atividades de lazer, como festas religiosas e jogos de futebol.

Conclusões

Projetos como o Projeto Café de Lerroville deixam de contemplar a diversidade de estilos de agriculturas, pois não incluem os conhecimentos dos agricultores e os usos dos espaços nas propriedades nos processos de transição. Utilizar ferramentas metodológicas inclusivas é potencializar a integração dos atores e a construção social da experiência ecológica. Comunicar-se e fazer-se entender são elementos que nem sempre refletem as intenções dos agentes. Desprivilegiar o uso das entrelinhas, assim como desvalorizar os finais de semana e feriados, como dias de descanso, são exemplos de como as inadequações das estratégias e dos métodos introduzidos podem influenciar os processos de transição. Também fica evidente que a substituição de insumos industrializados por insumos orgânicos, mantém a lógica da dependência de insumos externos, não possibilita ao agricultor autonomia desejada, e demonstraram que as tecnologias utilizadas no PCL estiveram em desacordo com o princípio da transição agroecológica. As adequações sociais e técnicas, necessárias às comunidades durante o processo de transição, e que se mantiveram, foram as que os agricultores conjuntamente desenvolveram para solucionar dificuldades pontuais. É provável que métodos articulados e pensados com agricultores, sem prazos estipulados, possibilitam uma melhor apropriação e desenvolvimento de alternativas locais adaptadas para o manejo ecológico dos cafezais. Esse seria um primeiro passo de transição para uma agricultura de base ecológica e sustentável.

Referências

ALMEIDA, C.C.S. *O Processo de inserção das associações rurais ACAL e APRALA no comércio justo*. 2005. Dissertação (Mestrado em geografia, meio ambiente e desenvolvimento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CANUTO, J.C. *Metodologia da pesquisa participativa em agroecologia*. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA DO MARANHÃO, 2005, São Luiz. Texto baseado na apresentação oral do autor. 2005. (Manuscrito)

LONG, N.; PLOEG, J.D. Demythologizing planned intervention: an actor perspective. *Sociologia Ruralis*, London, v. 29, p. 226-249, 1989.